

FERNANDA DE SOUZA ALMEIDA
(org.)

DANÇARELANDO

Arte, educação e infância

DANÇAARELANDO

Arte, educação e infância

Copyright © 2022 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Preparação: **Janaína Marcoantonio**

Revisão: **Raquel Gomes**

Foto de capa: **Wesley Tadeu / DiCampana Foto Coletivo**
(São Paulo, Piraporinha, 2017)

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio	9
<i>Ana Terra</i>	
Introdução	13
<i>Fernanda de Souza Almeida</i>	
1. Subversões e subversivas: a infância, a criação de espaços de exceção e os projetos de dança	23
<i>Fernanda de Souza Almeida</i>	
2. A dança em território de gente miúda: dialogias com as múltiplas linguagens infantis	38
<i>Fernanda de Souza Almeida</i>	
3. Dançar e brincar: uma experiência de balé com crianças pequenas	55
<i>Taynara Ferreira Silva</i> <i>Fernanda de Souza Almeida</i> <i>Nilva Pessoa de Souza</i>	
4. Brincadeira de rua: uma abordagem lúdica do <i>breaking</i> na escola	71
<i>Jéssica Tavares de Faria</i> <i>Fernanda de Souza Almeida</i>	
5. Dança, criança e tecnologia: a integração de linguagens no contexto educativo	89
<i>Deyzylany Ferreira Neves</i> <i>Fernanda de Souza Almeida</i>	

6. Pequenos brincantes da educação infantil: dança e culturas populares brasileiras	114
<i>Fernanda de Souza Almeida</i>	
<i>Andreza Lucena Minervino de Sá</i>	
7. Contando histórias para dançar: encontros em arte na educação das infâncias	130
<i>Fernanda de Souza Almeida</i>	
<i>Letícia Fonseca de Abreu</i>	
8. Dançar com a criança: composição e criação com a pequena infância	142
<i>Fernanda de Souza Almeida</i>	
<i>Carolina Romano de Andrade</i>	
9. Dançarelado na cena infantil: desafios da criação artística para a criança pequena	160
<i>Fernanda de Souza Almeida</i>	
<i>Princesa Ricardo Marinelli</i>	
10. Por uma pedagogia para dançarelar: eixos fundantes	178
<i>Fernanda de Souza Almeida</i>	
Notas	185
Referências	189

UM CORDEL PARA EMBALAR

*Investigar, cutucar, convidar, dançarelar
Um conto da experiência na aventura do criança
Na poesia do encantamento, dialogar, (com)partilhar
Pensar com as crianças, novos caminhos encontrar*

*Bifurcações, curvas, pontes, espaços de transgressões
Resiliência, respeito, empatia, fomentando transmutações
Escutar e perceber para iniciar o mover
Coragem para ouvir e ousadia para promover*

*Um coletivo de artistas, educadores, pesquisadores
Que partem das suas poéticas para descobrir outros sabores
O sabor que tem a dança em diálogo com a infância
O balé, o breaking, a contação de histórias na cultura das crianças*

*Os saberes populares e as tecnologias
O pensamento imaginário, o extraordinário... a fantasia
A criação artística para os pequenos de pouca idade
A instabilidade e o inusitado na ampliação das possibilidades*

ANDREZA LUCENA

PREFÁCIO

Dançarelando - Arte, educação e infância é o terceiro livro de Fernanda de Souza Almeida. Como em seus trabalhos anteriores, os leitores e as leitoras poderão se aproximar de uma consistente produção dedicada ao estudo encarnado da dança entre estudantes de licenciatura na área, professores e gestores da rede pública e crianças pequenas no dia a dia escolar. Todo esse trabalho de cunho relacional, colaborativo e cuidadosamente engajado nos contextos em que é desenvolvido tem como viveiro o Grupo de Pesquisa em Dança: Arte, Educação e Infância (GPDAEI), criado em 2015 e vinculado ao curso de licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia.

A reunião das criações reflexivas desse coletivo de artistas-educadores-pesquisadores nesta publicação tem por propósitos estender as experiências do GPDAEI a outros pares, contribuir para projetos formativos ou de educação continuada e fomentar a produção acadêmica a respeito das relações entre educação, arte, dança e infância. Em ações como esta, o grupo revela sua vocação ativista por uma “educação nacional de qualidade, alinhada às necessidades específicas das múltiplas infâncias brasileiras”.

Por tudo isso, o lançamento deste livro já seria motivo para celebrar. Contudo, gostaria de trazer outros motivos, não tão alegres, para sua celebração, posto que sua chegada acontece em meio aos impactos de uma catástrofe sanitária que têm me levado a pensar sobre as relações entre arte, luto, transformação, vida. Algo importante para idosos, adultos, jovens e crianças.

Em março de 2020, deixamos os espaços físicos de trabalho, estudo, cultura, arte, lazer, entre outros, para nos recolher em casa, onde passamos a fazer um pouco (ou muito) de tudo isso. Nas cidades médias e grandes, as ruas ficaram mais silenciosas, menos poluídas, mais tranquilas. Algo que seria bom se não fosse motivado pela disseminação de um vírus ameaçador à vida, principalmente dos adultos em idade mais avançada. De início, respiramos aliviados com o fato de a população mais ameaçada não incluir os adolescentes e as crianças, especialmente as menores. Infelizmente, a sensação de alívio durou pouco.

Marcado por profundas desigualdades sociais e econômicas, sob o comando de um governo negacionista e descompromissado com a preservação da vida da população, até o momento em que escrevo este prefácio nosso país conseguiu ocupar o segundo lugar no mundo em número de óbitos de menores de 19 anos por contaminação do SARS-CoV-2. Em números totais, a Covid-19 levou à morte mais de 617 mil brasileiros: mães, pais, avôs e avós que deixaram em situação de orfandade milhares de crianças e adolescentes. A norte-americana Susan Hillis contesta a ideia de que essas faixas etárias tenham sido menos afetadas na pandemia; em estudo realizado entre março de 2020 e abril de 2021, publicado no periódico científico *Lancet* e amplamente veiculado em diferentes órgãos de imprensa nacionais, a pesquisadora apontou que existem mais de 100 mil órfãos em nosso país. São as “vítimas invisíveis” do coronavírus, chamadas assim devido à falta de dados precisos sobre quem são e quais são suas condições de vida no momento.

Apesar dos cortes sistemáticos à realização de pesquisas em solo nacional, inúmeros pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento – dentre elas, a dança – se esforçam herculeamente para observar, analisar e apresentar estudos que possam amparar a definição de políticas públicas – urgentes – na direção de minimizar as consequências de tantas perdas. Refiro-me tanto às mais ameaçadoras, que comprometem a sobrevivência imediata, como também àquelas que já estão a se revelar nas crianças e jovens que deixaram de frequentar

a escola, os espaços culturais, as praças, os parques, enfim, os espaços de brincar e de encontrar seus pares, para além do núcleo de convívio doméstico. A vida nas telas intensificou-se sobremaneira: além de filmes, séries, desenhos, jogos, os encontros com colegas, as aulas e até as festas migraram para o espaço virtual. No entanto, para grande parcela de crianças e adolescentes em fase escolar, nem mesmo esse possível espaço de conexão lhes foi ofertado; sem recursos tecnológicos próprios, eles foram excluídos do ensino remoto.

Penso que o sentido último deste livro é chegar às crianças na forma de proposições para dançar. Entretanto, antes disso, será lido por adultos: estudantes e estudiosos dedicados às relações entre arte, dança, educação e infância. E, sobretudo, por professoras e professores que se encontram na escola ou em outros espaços de educação não formal, que também viveram suas perdas e precisam mais do que nunca de suporte(s) – inspiração, experiências, práticas, teorias, pistas metodológicas – para dar continuidade às suas atividades, ações e projetos com os pequenos no retorno ao convívio presencial.

No movimento dançado, a ideia de suporte nos remete à noção de apoio e, conseqüentemente, à relação com os esforços de sustentação do corpo em diálogo com as forças gravitacionais. E são as trocas entre os apoios corporais que nos permitem alcançar os deslocamentos e o movimento dançado.

Este conjunto de nove capítulos sobre pesquisas artístico-pedagógicas com temáticas específicas, acrescido de um décimo que aponta os eixos fundantes para uma pedagogia em dança para crianças de pouca idade, se revela um precioso apoio para artistas e educadores que, espalhados por todas as cinco regiões brasileiras, nunca param (nem na pandemia!) de se mover pelas e com as infâncias.

No filme francês *Quando tudo começa* (Ça commence aujourd'hui, 1999), o diretor Bertrand Tavernier coloca em cena uma escola de educação infantil em uma cidade atingida pelo desemprego de grande parte de sua população, com conseqüências sociais devastadoras devido à inerte e burocrática política governamental. Embora o filme seja bastante lembrado por apresentar a luta e o envolvimento de um

professor-diretor com sua comunidade escolar, dele me recordo como uma ode às potências da arte em situações de grandes perdas. Diante delas, em dado momento, os professores e as professoras, uma artista-colaboradora, as crianças e seus familiares concebem e produzem uma celebração muito especial – um recomeçar – e, nela, as artes plásticas, a música e a dança se fazem presentes tecendo encontros afetivos, sensíveis e expressivos.

Como bem pontua Fernanda de Souza Almeida ao nos apresentar os eixos fundantes da pedagogia para dançarrelar, “o lúdico pode ser concebido como uma ação de muita seriedade para a criança, muitas vezes *possuída* por um impulso criador e uma inspiração livre e vigorosa”. Neste momento, me parecem cruciais as celebrações, os encontros, as experiências e as danças que possam mobilizar essas forças tão fundamentais à vida e às infâncias, de maneira que as crianças sigam brincando, (res)significando, imaginando, inventando e corporificando, nos mais diferentes espaços-tempos, modos de existir e mundos outros – e (bem) melhores.

PROFA. DRA. ANA TERRA
 Coordenadora do curso de Dança da Unicamp

INTRODUÇÃO

Fernanda de Souza Almeida

Evocar, convocar, ingressar, anunciar o que está por vir.

E o que está por vir é o trabalho comprometido, dedicado, verdadeiro e apaixonado de um coletivo que se aproximou pela curiosidade e pelo desejo de fazer diferente. Fazer diferença. Buscar caminhos para suas inquietações na tentativa de contribuir para uma educação brasileira pública de qualidade. Assim se formou o Grupo de Pesquisa em Dança: Arte, Educação e Infância (GPDAEI), vinculado ao curso de licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia – um grupo criado e liderado por mim, professora Fernanda de Souza Almeida, que será mais bem apresentado no início do Capítulo 6, no qual revela seu espírito aventureiro.

Criado no final de 2015, o GPDAEI originou-se do projeto de pesquisa guarda-chuva intitulado “Dançarelando: a práxis artístico-educativa em dança com crianças”, que perdurou por quatro anos (2015-2019) e investigou possibilidades de propor a dança no ambiente educacional formal e não formal da cidade de Goiânia, com crianças de 2 a 10 anos de idade, e verificar suas reverberações na formação e nas práticas docentes.

Para tal, nos organizamos em alguns subprojetos envolvendo iniciações científicas, pesquisas de trabalhos de conclusão de curso (TCC) e ações de extensão, entre outros. Dois relevantes eixos de atuação do grupo foram os projetos de extensão e cultura:

- a) Dançarelando, que atendeu crianças de 6 meses a 5 anos de idade em encontros dançantes, além de ter ofertado palestras, oficinas

- e participação em reuniões pedagógicas para o corpo docente, gestor e auxiliares educativos em oito Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) de Goiânia;
- b) Dançarelado em Cena, que pretendeu pesquisar, criar e elaborar uma produção artística em dança destinada ao público infantil.¹

Ao oferecer vivências em dança com e para as crianças, o projeto de extensão e cultura Dançarelado objetivou despertar na garotada o interesse por essa linguagem artística como possibilidade de descoberta, exploração, criação e jogo com o seu corpo e com o corpo de outra pessoa. Visou, ainda, oferecer novas formas de movimentação e expressão – uma dança alicerçada nos elementos que a compõem: ações corporais (rolar, saltar, girar, balançar, torcer), peso, apoios, eixos, espaços, tempos, corpo todo, suas partes e sensações (Rudolf Laban, 1978; Fernanda Almeida, 2016), em estreita conexão com a ampliação do conhecimento de si, das demais pessoas e do entorno. Um dançar *com*, que estabelece relações e rompe os territórios corporais.

Para cada CMEI, foi desenvolvido um subprojeto de pesquisa específico, inerente às necessidades e curiosidades do local, de suas e seus integrantes e do cotidiano educativo como um todo. Esse é um modo de fazer, estar e pensar a dança que se coloca em relação, para construir junto com as crianças e em parceria com instituições e docentes seu projeto pedagógico e documentos orientadores – uma ação engajada com o contexto.

Antes da ida a campo, a equipe do GPDAEI se reunia para estudar, refletir, elaborar e experimentar corporalmente as propostas de dança que seriam ofertadas às crianças. Além de ser um momento para a partilha de experiências, para a formação docente e novos aprendizados, desejávamos fomentar a produção acadêmica a respeito da interface arte e infância.

As investigações realizadas em cada subprojeto foram convertidas em artigos científicos e publicadas em revistas acadêmicas especializadas nas áreas de conhecimento da arte e da educação. Este livro é fruto desse trabalho, e tem o inabalável desejo de contribuir para uma

educação nacional de qualidade, alinhada às necessidades específicas das múltiplas infâncias brasileiras, além de favorecer o acesso de docentes, estudantes, pesquisadoras, pesquisadores e pessoas interessadas no tema.

São nove artigos que tematizam a prática artístico-educativa com as crianças. Os textos foram alinhados entre si, modificados, atualizados e ampliados, trazendo novas reflexões, outras vivências, exemplos de atividades que foram realizadas com a meninada e comentários advindos de inquietações do fazer real, contextualizado, no chão da escola. Ou seja, manteve a característica geral dos livros anteriores (Almeida, 2016; 2018) sobre compartilhar ideias e vivências com as crianças.

Assinalo que apenas o Capítulo 8 não provém de um desses sub-projetos, mas foi escrito durante o período de ações do Dançarelando e inundado de suas concepções. Dessa maneira, relendo esse artigo, compreendi que, além de estar inserido no escopo proposto para o livro, valeria a pena compartilhá-lo pela emergência do assunto abordado: os processos de criação com meninos e meninas de pouca idade; as polêmicas “coreografias” produzidas para as festividades.

Dentre as inserções e renovações que os textos receberam, aponto para a alteração da terminologia, em concordância com o Colectivo Filosofarconchicxs (2018), que destaca que a escolha da linguagem revela a forma como concebemos a sociedade. Assim, trabalhei em dois pontos centrais:

1. A utilização dos termos gente miúda, crianças pequenas, meninada, meninas e meninos de pouca idade, gente pequena, criançada, garotada, seres de pouca idade, entre outras palavras similares, para me referir, de maneira carinhosa, às crianças de até 5 anos de idade. Corroborando com Patrícia Prado (1999, p. 112), o intuito de tal opção terminológica é delinear as crianças por aquilo “que são e na grandeza do que representam”.
2. Uma escrita que usa palavras nas duas formas de gênero no plural, iniciando pelo marcador feminino seguido pelo masculino, além dos coletivos neutros (docentes, discentes, estudantes). Tal

decisão intenta dar visibilidade e militar pelo empoderamento feminino, uma vez que o universo da dança e da educação das crianças pequenas envolve majoritariamente mulheres. Por essa razão, em muitos momentos optei apenas pela forma feminina de escrita, uma vez que também remete ao coletivo “pessoas”. Entretanto, ao trazer os registros em diário de campo das e dos discentes do curso de licenciatura em Dança da UFG, bem como as citações diretas das referências bibliográficas, respeitei suas formas originais de redação.

Um eixo de ação do GPDAEI que aqui merece destaque é o das experimentações em ambiente real, a ação cotidiana, empírica e dialética em diálogo com autoras e autores da educação infantil e da dança – um encantamento por atuar e revelar o “chão” da escola em seus sabores e dissabores, bem como ampliar e aprofundar uma mirada para as crianças reais, históricas, sociais e culturalmente situadas, não idealizadas. Sobre isso, Sandro dos Santos (2015, p. 227) destaca

[...] o acesso aos fragmentos característicos do cotidiano, pormenores que, de forma miniaturizada, são pedaços de grandes transformações. Segundo Pereira (2012), são esses fragmentos, muitas vezes despercebidos, esquecidos ou banalizados, que aguçam a percepção humana e demandam a esta, intermitentes questões.

Trata-se de um interesse particularmente meu, de mergulho no campo, para conhecer a realidade e “falar de dentro”, a partir da complexa trama de relações da sociedade. Sobre isso, revelo que me envolvi assiduamente em todas as ações do Dançarelando, ora oferecendo vivências à meninada, ora me misturando a elas ou por meio de observações participantes – além de orientar as pesquisas, oportunizando uma formação docente em contexto.

Ao longo desses anos, incentivada pelas reflexões advindas do processo de doutoramento na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp), percebi as muitas mudanças em minha prática

profissional acerca das diferentes perspectivas na maneira de atuar, pesquisar e escrever sobre/com as crianças.

As incertezas e os incômodos me fizeram experimentar diversos caminhos e, ao reavaliar meu percurso, encontrei recorrências, mudanças de concepção, (trans)formações, (re)construções, bifurcações, desvios e refutações. Notei que os pilares que pautam meus interesses investigatórios se consolidaram em dança, educação infantil e formação docente.

Não obstante, houve uma mudança nas preposições utilizadas nos textos: de dança *na* educação infantil e *para* crianças, passamos a dança *com* elas. A esse respeito, Lenira Rengel (2018) frisa que as preposições estabelecem conexões de sentido entre os termos de uma frase. Isso revela que a dança, na minha visão, deixa de ser uma escolha de pessoas adultas a ser realizada pelas crianças, passando a ser uma experiência (*com*)partilhada, uma relação horizontal, participativa e de responsabilidade entre ambas as partes.

Além do mais, vou me distanciando paulatinamente de uma fundamentação nas teorias de Henri Wallon (1975; 2007), Vitor da Fonseca (1995; 2008), Lev Vigotski (1999; 2010) e alguns de seus interlocutores – Abigail Mahoney e Laurinda de Almeida (2004, 2009); Zoia Prestes (2010) – e me aproximando de autoras e autores da pedagogia da educação infantil e da sociologia e filosofia da infância, entre elas Márcia Buss-Simão (2009), Deborah Sayão (2002a; 2002b), Márcia Aparecida Gobbi e Mônica Pinazza (2015), Ana Lúcia de Faria, Zeila Demartini e Patrícia Prado (2009), Altino Martins Filho e Patrícia Prado (2011) e Manuel Sarmiento (2005). Mudanças de concepção provenientes de uma “desobediência epistêmica” (Almeida, 2017b, p. 2310), que se afasta de um modo de pensar, ser, estar e agir em relação à garotada característico da visão desenvolvimentista e etapista de ensino e aprendizagem.

Assim, no Capítulo 1, “Subversões e subversivas: a infância, a criação de espaços de exceção e os projetos de dança”, revelo os caminhos adotados para a elaboração dos projetos ofertados a oito CMEIs da cidade de Goiânia. Tais construções partiram de um dos pressupostos

centrais do Dançarelado, cujo norte é a concepção de crianças como seres de direitos contextualizados, protagonistas da própria vida. Para tal, a equipe do projeto imergia em um processo de reconhecimento – da cidade, do bairro, da cultura produzida pelas crianças e dos projetos em andamento desenvolvidos pelas professoras regentes dos CMEIs –, almejando a oferta de experiências dançantes que fizessem sentido para a garotada e contribuíssem para a ampliação das experiências de si, das demais pessoas, da arte e dos sentidos.

O Capítulo 2, “A dança em território de gente miúda: dialogias com as múltiplas linguagens infantis”, apresenta o projeto Dançarelado e as vivências em dança com crianças de 12 meses a 4 anos, utilizando a integração de linguagens. Por meio da pesquisa-ação, as investigadoras buscaram o diálogo entre dança, poesia, contação de histórias e desenho, valorizando as diversas maneiras pelas quais meninas e meninos se expressam. A experiência possibilitou observá-las sentindo o corpo, descobrindo movimentos, conhecendo culturas e criando danças próprias.

No Capítulo 3, “Dançar e brincar: uma experiência de balé com crianças pequenas”, as pesquisadoras examinaram a possibilidade de abordar o balé por meio do lúdico com crianças de 4 e 5 anos de idade, matriculadas em uma academia na cidade de Inhumas (GO). Da pesquisa-ação, partiu-se para o estudo de um referencial teórico que discorresse sobre o tema (Huizinga, 2000; Kishimoto, 2007; Almeida, 2016), seguido da elaboração de um curso com a oferta de 15 intervenções em dança para uma turma de *baby class*² com 12 participantes. As vivências foram permeadas de jogos, brinquedos cantados, brincadeiras e faz de conta como caminho metodológico de abordar a dança com a pequenada. Notou-se que as crianças aprenderam os passos do balé brincando e se divertindo, destacando o lúdico como uma estratégia interessante para as vivências nessa modalidade de dança.

Já o Capítulo 4, “Brincadeira de rua: uma abordagem lúdica do *breaking* na escola”, visou investigar, elaborar e aplicar uma possibilidade lúdica de trabalhar o *breaking* com crianças do 1º ano do ensino fundamental de uma escola estadual de Senador Canedo (GO),

tendo em vista a educação para as relações étnico-raciais. Ao final, as 13 intervenções revelaram que a conexão entre *breaking*, lúdico e relações étnico-raciais é um caminho possível, atraente e significativo para oferecer a dança na escola, especialmente no que tange à ampliação do conhecimento de arte, cultura e diversidade.

O Capítulo 5, “Dança, criança e tecnologia: a integração de linguagens no contexto educativo”, mostra uma investigação que buscou experimentar uma maneira de vivenciar a dança com crianças de 4 e 5 anos de idade em um CMEI da cidade de Goiânia, tendo as tecnologias de informação e comunicação (TIC) como eixo central dos procedimentos metodológicos. Nesse estudo de caso, foram promovidos dez encontros dançantes utilizando celular, *datashow* e *tablet*, entre outros recursos eletrônicos. Tal estudo pode colaborar com a formação de professoras/es, uma vez que as diretrizes curriculares sobre a profissão docente frisam a necessidade das TIC para o aprimoramento das práticas pedagógicas e a expansão cultural das pessoas envolvidas, bem como a impulsão de outros modos de abordar a dança em uma interface crítica e criativa com as TIC na educação infantil.

O Capítulo 6, “Pequenos brincantes da educação infantil: dança e culturas populares brasileiras”, apresenta uma proposta de intervenção em dança com crianças goianienses de 4 anos de idade, trazendo em seu cerne a complexa trama de saberes das culturas populares brasileiras – o lúdico, o conto, a música, o ritmo, o movimento e a dramatização –, tendo como principal inspiração os Parques Infantis de Mário de Andrade.

Para a construção da proposta, elencamos três eixos de ação: fundamentos brincantes, elementos da dança e estratégias de abordagem. E, entre gatos, cachorros, caranguejos, sapos, jacarés, coiós, cacuriá³, ciranda, jongo, bumba meu boi, capoeira, catira⁴, cantigas, cordéis, brincadeiras, jogos, brinquedos, adivinhas, palmas, adoletas, mapas do Brasil, vídeos, dobraduras e pinturas, entramos na roda e exploramos – de modo mágico, metafórico e lúdico – palavras, sons, expressões e gestos. As crianças desenvolveram vivências da dança tendo por eixo condutor os saberes populares.

Ao assumir a alteridade da infância em suas produções e expressões multilínguas, particularmente as corporais, as lúdicas e as imaginárias, o Capítulo 7, “Contando histórias para dançar: encontros em arte na educação das infâncias”, buscou uma possibilidade de dançar e brincar com a contação de histórias na educação infantil, com o intuito de colocar em cena meninas e meninos de pouca idade. Desse modo, entre experimentações de peso, espaço, deslocamentos, apoios, ações corporais e dinâmicas, propusemos dançar a história contada, contar a história dançando e narrar para as crianças dançarem ao mesmo tempo; escutar em áudio, assistir em vídeo, criar as próprias histórias, desenhar a história para que seus traços fossem dançados, recitar poemas, arriscar, frustrar-se e se divertir. Ao longo do percurso, a garotada pulsou com a história e penetrou nas imagens, criando e recriando com o corpo inteiro que são, no encontro entre as artes, em processos sensíveis e poéticos de ludicidade.

Já o Capítulo 8, “Dançar com a criança: composição e criação com a pequena infância”, destaca alguns fundamentos da dança na educação infantil e desperta um olhar para os processos de criação das crianças pequenas nessa linguagem artística, ressaltando situações da prática *in loco*. São compartilhadas duas experiências em contexto, almejando fomentar a formação docente por meio do debate e da sistematização de propostas sensíveis e criativas, as quais colocam meninas e meninos como protagonistas do processo, participando ativamente das decisões, em diálogo com a/o docente. Nesse sentido, é importante que a professora se embrenhe no universo infantil para oferecer pistas que ajudem as crianças a estabelecer relações de experiência com o mundo, auxiliando-as a descobrir e compor uma dança própria por meio da ludicidade.

No Capítulo 9, “Dançarelado na cena infantil: desafios da criação artística para a criança pequena”, destacam-se desafios pertinentes à criação em dança para crianças, tendo como referência o projeto Dançarelado em Cena (UFG). No diálogo entre o relato da experiência e o referencial bibliográfico sobre infância, experiência estética e processos criativos, levantam-se estas questões: como o corpo adulto

pode construir uma presença cênica que se vincule de fato com a sensorialidade de crianças? Como não incorrer numa didatização exagerada, mas promover experiências estéticas que as engajem de modo complexo? As experiências indicaram que enfrentar tais desafios demanda tratar as crianças como seres completos e específicos, não barateando o rigor e a excelência artística nem na criação, nem nas escolhas estéticas.

Por fim, o Capítulo 10, “Por uma pedagogia para dançar: eixos fundantes”, apresenta os princípios metodológicos gerais que pautam as práticas educativas do Dançarelando com a garotada de pouca idade nos diferentes contextos de atuação, sendo eles o lúdico, as múltiplas linguagens, a educação do sensível (Duarte Junior, 2004), a interação, a improvisação, a apreciação estética, a criação e a criança como participantes ativas do processo – fundamentos que perdem suas fronteiras, entremeando-se na tentativa de construir redes de relações criativas e inusitadas entre corpo, movimento, eu, outra/o, arte, educação e sociedade. Um pensar sobre, com, a partir e a favor da infância, na tentativa de inventar uma “pedagogia para dançar”.

Caso haja interesse em ver essas e outras ações e atuações do GPDAEI, o Instagram do Dançarelando (@dancarelando) compartilha fotos, filmagens e vídeos produzidos ao longo de cada percurso. Além do mais, pode-se conhecer as novidades, os lançamentos, outras produções, sugestões de eventos e falar conosco. É só acompanhar.

Boa leitura!

1. SUBVERSÕES E SUBVERSIVAS: A INFÂNCIA, A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS DE EXCEÇÃO E OS PROJETOS DE DANÇA¹

Fernanda de Souza Almeida



Fotografia da autora (2015)

Espaço de transgressão atrás do bambuzal

Há muito tempo, tínhamos medo do bosque. Era o bosque do lobo, do ogro, das trevas. Era o lugar onde a gente podia se perder. Quando os avós nos contavam as fábulas, a floresta era o lugar preferido para esconder inimigos, armadilhas, angústias. No instante em que o personagem entrava na floresta, começávamos a ter medo; sabíamos que algo poderia acontecer, que algo ia acontecer.

O conto se tornava cada vez mais lento; a voz, mais grave; ficávamos perto uns dos outros e esperávamos pelo pior. O bosque era assustador, com suas sombras, ruídos sinistros, o canto lúgubre do cuco, os galhos que de repente te agarram. (Tonucci, 2010, p. 4, tradução minha)